

## Do saber à aventura: a semiologia nos seminários de Roland Barthes

Claudia Amigo Pino<sup>1</sup>

### *Um não professor em uma não universidade*

AQUI TRATAREMOS DE UMA PARTE DA OBRA DE ROLAND BARTHES MUITO POUCO CONHECIDA: seus seminários ou os cursos de pós-graduação que ele ofereceu de 1962 a 1977 na (hoje) École de Hautes Études em Sciences Sociales, de Paris. Apenas três desses seminários foram publicados (*Sarrasine, de Balzac, Le lexique de l'auteur* e *Le discours amoureux*), exatamente aqueles seminários que de alguma forma estavam relacionados com livros conhecidos de Barthes (respectivamente *S/Z, Roland Barthes por Roland Barthes* e *Fragmentos de um discurso*). Mas existem oito seminários que não deram origem a nenhum livro, e cujo conteúdo é, em sua maior parte, inédito. É a alguns desses seminários que vamos nos referir, a partir da análise das anotações de curso de Barthes, depositadas na Biblioteca Nacional da França.

Barthes nunca conseguiu defender um doutorado, não tinha nenhum dos diplomas para docência e era conhecido, sobretudo, por artigos curtos de crítica literária e cultural, que circulavam em publicações não especializadas. Ele jamais teria o perfil indicado para assumir um cargo de professor universitário na França.

E, de fato, ele nunca foi um professor em uma universidade. Em 1960, ele assume o cargo de “chefe de trabalhos”, uma espécie de ajudante de professores e em 1962, ele assume o cargo de “diretor de estudos”, o que lhe permitia dirigir atividades práticas para alunos de pós-graduação em Ciências Sociais (em um formato chamado “seminário”). Ele também podia orientar “teses de 3º ciclo” (espécie de tese menor) de alunos dentro dessa área<sup>2</sup>.

Assim como Barthes não era professor, a Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, que nos anos 60 tinha outro nome (VIª. Seção da Escola Prática de Altos Estudos<sup>3</sup>), também não era uma universidade. Segundo Pierre Bourdieu, em *Homo Academicus*, a École era uma instituição que conseguia ao mesmo tempo ser marginal e ter um lugar de destaque dentro do campo intelectual. Por quê? Ela era marginal, porque seus professores e alunos não pertenciam necessariamente à elite econômica e intelectual (como os professores das instituições de prestígio, como a Sorbonne), não provinham das melhores escolas e muitas vezes tinham uma formação bastante fora do padrão. Ela tinha um lugar de destaque porque se configurava como uma escola de vanguarda, apostando em disciplinas inovadoras (o caso da semiologia), com muitos alunos estrangeiros e professores sem uma formação convencional, mas com circulação na sociedade e na mídia. Assim, apesar de produzir trabalhos menores, a École tinha uma grande visibilidade na mídia interna e em instituições estrangeiras, já que recebia alunos e professores de vários setores e países diferentes<sup>4</sup>.

Esse é o contexto dos seminários que aqui descreveremos. Trata-se de uma atividade dentro de uma escola prática de vanguarda, com alunos e professores de formação heterodoxa que

---

<sup>1</sup> Professora Associada de Literatura Francesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. E-mail: [hadazul@usp.br](mailto:hadazul@usp.br).

<sup>2</sup> SAMOYAUULT, T. *Roland Barthes*. Paris: Seuil, 2015, p.336.

<sup>3</sup> Ela só passa a ser EHESS em 1975; essa mudança teve participação ativa de Roland Barthes.

<sup>4</sup> BOURDIEU, P. *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.

procuravam a inovação e não necessariamente uma exposição exaustiva do conhecimento existente dentro de um determinado saber. Porém, esse não professor nessa não universidade também almejava legitimar suas inovações e, em alguns momentos, ele tentará sair do contexto e fingir que de fato é um professor que ensina em uma instituição semelhante a uma universidade.

### *Os três seminários de semiologia*

Em 1962, no seu primeiro seminário, essa inovação se chamava “Semiologia”. O que era a semiologia? Nas palavras de Barthes, na apresentação à revista *Communications*, que tinha como tema a semiologia e os trabalhos do seu seminário:

Semiologia: a palavra é proposta aqui em um espírito de confiança, mas também de reserva. Em seu sentido atual, ao menos para nós, europeus, ela data de Saussure: podemos conceber uma ciência que estude a vida dos signos na vida social; nós a chamaremos “semiologia”. Prospectivamente – porque ela não foi ainda constituída – a semiologia tem por objeto todo e qualquer sistema de signos, seja qual for a substância, sejam quais forem seus limites: as imagens, os gestos, os sons melódicos, os objetos e os complexos de substâncias que encontramos nos ritos, protocolos ou nos espetáculos, se não constituem “linguagens”, pelo menos sistemas de significação.<sup>5</sup>

A semiologia assim se colocava em um ponto médio entre a análise de discurso e a sociologia, pois seu objetivo era estudar os sistemas de significação dentro de um contexto social. Mas que discurso seria esse? Qual seria o discurso da moda, da música popular, da publicidade? Como fazer uma análise desse discurso? E como entender como ele opera no interior de uma sociedade? Essas serão as perguntas dos seminários iniciais de Barthes sobre a semiologia: “Inventário de sistemas de objetos contemporâneos de significação: sistemas de objetos (roupas, comida, habitação)” (de 1962 a 1963) e “Inventário de sistemas de significação contemporâneos” (de 1963 a 1964). Trata-se, como Barthes afirma em sua definição, de uma aposta, não de uma certeza e esses dois anos serão, mais do que uma construção de um saber, uma experiência, que será abandonada logo depois, em 1965, em prol da análise retórica. Porém, em 1971-1972, Barthes dedicará um último seminário à semiologia, “Dez anos de semiologia: a teoria do texto”, onde o propósito será completamente outro: mostrar como ele migrou de uma semiologia saussuriana, baseada no signo, a uma nova semiologia, baseada na ideia de discurso de Benveniste. Nesse seminário, de caráter teórico, não há mais a pretensão de aplicar a semiologia, nem de estabelecer um trabalho prático com os alunos. Porém, isso deve ocorrer a partir do seminário “O léxico do autor” (1973-1974) e em seus livros publicados a partir de 1973, como *O prazer do texto*, *Fragmentos de um discurso amoroso* e *A câmara clara*. Um percurso pelas anotações de Barthes relativas aos seminários semiológicos nos permitirá entender que nunca houve de fato uma ruptura com a semiologia (como o próprio Barthes dá a entender<sup>6</sup>) e de que se trata, na verdade, de um mesmo grande projeto que o acompanhou do início ao fim de sua vida professor.

---

<sup>5</sup> BARTHES, R. Apresentação [Sobre a semiologia]. In: \_\_\_\_\_. *Inéditos*. Vol. 1 Teoria. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 56-57.

<sup>6</sup> Refiro-me aqui à própria tabela que Barthes estabelece com suas diversas fases no livro *Roland Barthes por Roland Barthes*. Uma dessas fases corresponderia à semiologia e estaria marcada pela influência de Saussure. Ele reconhece dois livros dentro dessa fase: *Elementos de semiologia* e *Sistema da Moda*. *Roland Barthes por Roland Barthes*. In: BARTHES, R. *Oeuvres Complètes Vol. IV*. Paris: Seuil, 2002, p. 718-719.

### *O primeiro seminário: a semiologia como saber*

Como começa esse projeto? Era previsto definir a semiologia, descrever a semiologia, fazer um estudo semiológico? Nas notas para a apresentação geral do seu primeiro seminário, em que Barthes descreve os princípios básicos da sua didática e da sua proposta, ele se refere à sua empreitada como uma passagem: “Nada diz que aqui sempre trabalharemos com a semiologia: a semiologia se fará sob nosso olhar, o que obriga a reconhecer a possibilidade que ela se desfaça sob nosso olhar”<sup>7</sup>. Definir a semiologia não podia ser pensado como um objetivo, pois ela é, nesse momento, um caminho possível para outra coisa, que Barthes ainda não nomeou, mas que será formulada nos anos seguintes.

No primeiro ano de seminário, Barthes propõe estabelecer um quadro geral da pesquisa semiológica, para o que ele deve 1) classificar os diferentes tipos de conhecimento (e desconhecimentos) relativos à semiologia e 2) organizar a reflexão prévia à pesquisa semiológica. Ou seja, aqui ele supostamente não pretendia propor nada de novo: apenas explorar que já tinha sido feito, para poder praticar a semiologia.

Em um primeiro momento, de fato, ele desenvolve uma longa recapitulação do que foi escrito sobre a semiologia, ele explora, como ele mesmo chama “a localização da semiologia no mundo”. Apesar de não encontrarmos citações a esses autores na obra publicada, é possível observar nessas notas que Barthes conhecia bem a semiótica americana e tinha como parâmetro a obra de Charles W. Morris. Porém, ele se afasta da visão americana da semiótica e propõe uma nova visão da palavra semiologia, a partir de Saussure. Como é bem conhecido, ele resolve inverter a famosa fórmula saussuriana que afirma que a linguística é uma parte da ciência geral dos signos; para Barthes, a semiologia é apenas uma parte da linguística; a parte que se encarrega das *grandes unidades significantes* do discurso.

Passando à linguística pós-saussuriana, Barthes refere-se às Escolas de Praga, Copenhagen e Yale, detendo-se especialmente no conceito de função (Jakobson) e nas relações entre os diversos planos da linguagem (Hjelmslev), pensando em uma aplicação para sistemas diferentes da linguagem verbal. Essa parte do seminário é em sua maior parte inédita, embora alguns trechos (especialmente relativos a Jakobson e Hjelmslev) tenham sido utilizados em diferentes artigos (na maioria das vezes, sem nenhuma referência às fontes consultadas), entre os quais destaco “A atividade estruturalista”<sup>8</sup>.

Após uma análise mais desenvolvida dos sinais do trânsito (análise que se mostra bastante decepcionante para Barthes, aliás), ele dedica o seu seminário ao que mais tarde será publicado como *Elementos de semiologia*<sup>9</sup>. Aparentemente, ali seu objetivo era apenas fazer uma apostila para que os alunos pudessem, em uma etapa posterior, desenvolver suas próprias análises. Ali não haveria nada de novo: seu propósito era operatório e tinha como horizonte não o seu trabalho (que ele já tinha desenvolvido, nas análises anteriores), mas o dos outros. Para fazer esta apostila, ele se atém a alguns conjuntos de oposições: língua/fala; significado/significante; sintagma/sistema e denotação/conotação.

Na primeira oposição, já é possível perceber o caráter sociológico da semiologia de Barthes: para ele, a língua não é um conjunto de vocabulário articulado por uma gramática, mas uma instituição social e um sistema de valores. O indivíduo não tem o poder de modificá-la, trata-se apenas de um bloco ao qual temos que nos submeter se quisermos nos comunicar. Mas como

<sup>7</sup> Idem. *Séminaire* (1962-1963). Bibliothèque Nationale de France. NAF 28613. Chemise 1, s/d.

<sup>8</sup> Idem. A atividade estruturalista. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>9</sup> Idem. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

conhecer esse bloco quando tratamos de objetos contemporâneos? Como acessar a gramática do carro, da imagem fotográfica, da moda? Barthes propõe observar os lugares onde as regras são dadas; no caso da roupa, por exemplo, isso aconteceria nas revistas de moda. No caso da comida, nos livros de culinária. Já a fala, que seria definida como o uso individual da língua, seria observável numa roupa particular que alguém escolhe de manhã, ou em um prato de restaurante.

Em relação ao signo, é necessário destacar o que Barthes chama de “função signo”. Para ele, muitos sistemas têm uma substância de expressão para além de seu uso. Assim, por exemplo, um impermeável serve para proteger da chuva, mas, usado no Brasil, ele remete a um certo modo de vida europeu. Ainda nessa linha, na parte seguinte, Barthes afirma que o futuro da linguística é a conotação, já que o ser humano não deixa de construir sistemas segundos escondidos nos sistemas de uso comum. Dessa forma, ao mesmo tempo em que ele tenta construir uma semiologia dos objetos, ele também escapa dela, já que a significação “transborda o uso do objeto”:

Nós acreditamos estar em um mundo prático de usos, de funções, de domesticação total do objeto e em realidade nós somos também, pelos objetos, em um mundo de sentidos, de razões, de álibis: a função faz o signo nascer, mas esse signo é reconvertido no espetáculo de uma função. Eu acredito que é precisamente essa conversão da natureza em pseudo-natureza que pode definir a ideologia da nossa sociedade.<sup>10</sup>

No seu esforço para entender o funcionamento dos signos dentro da sociedade, Barthes percebe que o signo nunca é signo para apenas um sistema, ele é múltiplo, plural, o que faz a sua descrição ser sempre insuficiente. Esse é apenas o início da sua reserva em relação à semiologia, que ele somente sentirá na pele no seminário seguinte. Nesse primeiro seminário, ele ainda acreditava que a semiologia era um saber capaz de explicar todos os sistemas de significação na sociedade contemporânea, que ele imaginava estudar por muitos anos. Foi um ano de exceção, onde ele pensou que poderia ser um professor e ter uma disciplina para ensinar.

### *O segundo seminário: de como a comida matou a semiologia*

No segundo seminário sobre a semiologia (1963-1964), Barthes tenta levar a cabo um grande projeto de análise semiológica: “Tentativa de reconstituição de um sistema de significação contemporâneo: a comida – trabalho coletivo”. Seu objetivo é constituir um sistema: o léxico e combinações possíveis dos alimentos da “sociedade contemporânea”. Como em qualquer análise estruturalista, a principal tarefa desse tipo de pesquisa é a colheita, ou a caça de informações.

- 1) Qual é a primeira tarefa?  
Coletar fatos. Isso combina, porque colheita (o mais velho termo alimentar) = operação essencialmente coletiva.
- 2) Então, grosso modo, tarefa muito clara: cada um parte em campanha através da vida, da cotidianidade contemporânea e volta aqui, regularmente, com sua pequena colheita de fatos, anotações, expressões, informações relativas à comida. Viramos os “sacos” individuais em cima da mesa, e discutimos, dividimos, classificamos, esboçamos pequenos fragmentos de sistema em um quebra-cabeça coletivo.

---

<sup>10</sup> Idem. Semântica do objeto. In: \_\_\_\_\_. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 218.

Eu insisto no caráter operatório disso: é uma atividade. Não pensar no trabalho como um desfile tradicional de exposições de saber. Conversão necessária da ciência-saber em ciência atividade, manipulação. Prazer necessário.<sup>11</sup>

Já aqui podemos observar esse caráter múltiplo, metafórico, do sistema de significação escolhido para a análise, a comida. Atividades relacionadas à aquisição do alimento (colheita, caça) são aqui associadas à pesquisa. Mas o que ele pede para os alunos recolherem? Ele se interessa pela ordem dos diferentes alimentos na vida cotidiana. Em outras palavras, a forma em como esses elementos estão dispostos em uma frase, ou em enunciado. Barthes ainda não sabia o que era exatamente um enunciado sobre a comida e sua indicação é mesmo muito vaga, ele quer que os alunos procurem qualquer frase na vida, ou na cotidianidade, relativa à comida. Ele reconhece que ele está no domínio da “sociologia”, mas ele aceita também contribuições de outros lugares, como a etimologia, a história, a literatura, a arte, etc.

Barthes faz algumas observações iniciais sobre o que, segundo ele, comporia o léxico do sistema da comida: os sabores e a forma como eles são sentidos. Naquele momento, ele afirma que haveria somente quatro gostos e suas combinações, mas que eles não são opostos como podem ser as palavras (o “sim” é oposto a “não”, “escuro” é oposto a “claro”, “bonito” é oposto a “feio” etc.). Já salgado não é necessariamente o contrário do doce (há inclusive pratos que são salgados e doces ao mesmo tempo). Além de esses sabores se combinarem de maneiras absolutamente não padronizadas, eles são potencializados por outros elementos de léxico, como pressão, superfície, temperatura, cheiro (individual), fome (individual), saúde (individual) e identificação cultural.

Depois de elencar esses elementos em relação ao léxico, Barthes libera seus alunos para irem à caça, ou à colheita. O resultado é rico e ao mesmo tempo decepcionante: ele recebe muita informação, porém ele percebe que não há necessariamente uma ordem da comida na cotidianidade: a comida é ordenada a partir do discurso de cada aluno. Por exemplo, no caso de um aluno que é padre, as fichas se referem à importância simbólica do pão, se uma aluna estuda feminismo, ela tem fichas relativas ao papel da mulher na comida, se um aluno se dedica à pintura holandesa, a ficha se refere às naturezas mortas, etc.

E, assim, ele chega à conclusão evidente de que a comida não tem frases próprias, mas que ela faz parte de uma mensagem de uma instituição:

Podemos falar de uma comida que não seja mensagem? Rigorosamente falando, sim: a comida puramente doméstica, “sem olhar” – Mas, não há comida que não seja uma atualização de uma instituição, isto é, de um conjunto de linguagens: a comunicação real não é necessária para que o sistema exista.<sup>12</sup>

Em princípio, não precisamos da linguagem para comer, se estivermos na selva por exemplo (porque eu não sei se é possível falar de comida doméstica sem olhar). Mas na sociedade contemporânea, segundo Barthes, toda comida passa pela linguagem: é preciso comprar os alimentos pela linguagem e, para cozinhá-los, precisamos de receitas, sejam elas escritas ou orais. A vontade de comer um outro alimento está ligada à forma, mas é quase impossível dissociá-la da publicidade (a título de exemplo, pensemos no nome que os pratos têm em um restaurante por quilo: “frango à pizzaiolo”, “delícia de couve-flor”, ou outras formulações saborosas que levam a escolher esse ou outro prato).

<sup>11</sup> Idem. Séminaire (1963-1964). Bibliothèque Nationale de France. NAF 28613. Chemise 1, s/d.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 36



Assim, as comidas têm nomes aparentemente denotativos (por exemplo, “feijão com arroz”), mas que podem sempre se tornar conotativos (“feijão com arroz” pode significar também o básico, o trivial e ser usado em outro contexto semântico). Já a combinação de alimentos sempre tem um papel conotativo (por exemplo, “vaca atolada”, “escondidinho”, “baião de dois”, “Romeu e Julieta”). E essa conotação em geral está ligada à mensagem de alguma instituição, que transmite um poder.

Roland Barthes se encontra então em meio a um enorme problema, porque ele percebe que a ordem dos objetos não é necessariamente explicável por um sistema de signos, como ele considerava inicialmente. Ele, claro, pretendeu isolar um tipo de discurso (por exemplo, receitas, ou publicidade no rádio, etc.) e pensar uma pesquisa coletiva a partir desse discurso – que chegasse a algumas invariáveis, como ele fez, de forma paralela, em *O sistema da moda*. Mas a sua descoberta a partir da comida é outra: a semiologia não basta, é ilusória.

Aparentemente, trata-se de uma descoberta negativa (a reserva em relação à semiologia, a disciplina que antes explicaria todo o universo), mas ela também tem um aspecto positivo: a constatação do forte poder simbólico da comida. A comida é concebida como uma necessidade básica, natural; mas ao mesmo tempo é um fenômeno de linguagem. Isso significa que, por meio da comida, podemos assimilar de forma mais intensa as mensagens culturais e simbólicas. Quando o enunciado se refere à comida, nós não lemos as palavras, nós as comemos.

Isso abrirá dois campos de trabalho para Barthes: por um lado, a análise da publicidade de alimentos e a incorporação cada vez mais evidente, nos seus textos, de metáforas alimentares. A título de exemplo, para finalizar esta apresentação, vou dar amostras desses campos de trabalho.

Em relação à publicidade de comida, ele publicou dois textos que são referência para a área: a “Mensagem publicitária” e “Retórica da imagem”. Em “Retórica da imagem”, Barthes se refere à publicidade do macarrão Panzani e à importância da fotografia de comida na publicidade como uma forma de interiorizar os slogans dos publicitários. De certa forma, os alimentos facilmente identificáveis levam ao receptor não somente a decodificar, mas a ingerir as ideias ali propostas. Barthes usará essa mesma lógica ao incorporar as metáforas alimentares ao seu discurso, presentes, por exemplo, em *Crítica e verdade*, *S/Z*, *O Prazer do texto*, *A preparação do romance* etc. Mas, nesse momento, eu gostaria de terminar esta análise com o trecho de um texto chamado “O estilo e sua imagem”, de 1971, em que podemos ver como ele trabalha o poder retórico da comida para a compreensão de seus próprios conceitos. Como podemos ver no seguinte trecho, Barthes leva os seus leitores a ingerir e, portanto, assimilar completamente a sua noção de texto:

O problema do estilo só pode ser tratado ao que eu chamarei ainda de “folhado” de discurso; e, para continuar com as metáforas alimentares, eu resumirei algumas propostas dizendo que, se até o presente vimos o texto como um fruto com semente (um damasco, por exemplo), a polpa como a forma e o caroço como o fundo; convém agora vê-lo como uma cebola, arranjo de peles superpostas (de níveis, de sistemas), cujo volume não contém finalmente nenhum coração, nenhum núcleo, nenhum segredo, nenhum princípio irreduzível, se não o próprio infinito de suas coberturas – que não cobre nada além que o conjunto de suas superfícies.<sup>13</sup>

É possível afirmar que a comida persiste em toda a sua obra, mas a semiologia, aparentemente, desaparece.

---

<sup>13</sup> Idem. O estilo e sua imagem. In: \_\_\_\_\_. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012, p. 79.

### *O último seminário: a semiologia como aventura*

Ela só voltará dez anos mais tarde, de outra maneira, não mais como um saber que ajude a compreender um sistema de significação, mas como um saber que permite desenvolver a prática da escrita. Por isso, é difícil entender o lugar deste seminário na obra de Barthes. Ele não deu origem a nenhum livro erudito, não há nenhum compêndio dessa nova semiologia desenvolvida nesse momento: porém ele marca o momento de mudança de sua escrita. A partir das descobertas desse seminário, Barthes começa a deixar de lado uma escrita intelectual, pela procura de escrita experimental, que deu origem a seus livros mais conhecidos, como *O prazer do texto* (1973) e a *Roland Barthes por Roland Barthes* (1975), *Fragmentos de um discurso amoroso* (1978) e *A câmara clara* (1980)<sup>14</sup>.

Essa mudança de foco é visível desde a “Advertência inicial”, onde Barthes deixa claro que o objetivo do trabalho não é explorar mais a semiologia em si, mas o uso que ela tem para ele, um sujeito que se define pela escrita:

O que eu vou dizer da semiologia não se refere diretamente nem ao saber semiótico, nem à história das ideias; isso vai se referir à minha pesquisa, com todos os viesamentos, escolhas, esquecimentos e deformações que isso implica: trataremos aqui da forma em como a semiologia surgiu para mim, dito de outra maneira, da aventura semiológica (isso não tem relação com uma expansão, ou uma exposição da pessoa, em particular com a pessoa biográfica; isso tem relação com a escrita): justifica-se que eu esteja aqui porque eu já escrevi, isto é, porque eu submeti a uma determinada prática o sujeito que “eu” sou – mas que eu não sou mais desde que eu escrevo – e da enunciação, do desejo e do inteligível.<sup>15</sup>

Para isso, ele faz uma reconstituição da relação com diferentes “teorias” semiológicas e como elas fizeram ele refletir sobre a escrita. A primeira dessas teorias não é propriamente de um semiólogo: “antes de Saussure, Brecht, porque só os imbecis do marxismo e do estruturalismo poderiam pensar que essas duas alternativas são excludentes”<sup>16</sup>.

Brecht, para Barthes, também propunha um pensamento baseado no signo, já que dividia o texto em dois, um texto e um contra texto (uma visão crítica do texto), que lutariam e produziriam abalos no leitor. Essa é a base da argumentação da primeira parte do seminário, dedicada aos textos teóricos de Brecht, que será muito mais tarde resumida e publicada na revista *L'autre scène* sob o título “Brecht e o discurso: contribuição ao estudo da discursividade”<sup>17</sup>.

Brecht constitui a pré-história de Barthes e a semiologia. Para contar a sua história propriamente dita com o signo, ele começa com o estudo de duplas conceituais, que ele chama a partir de seus diferentes pares em relação ao texto e ao contra-texto: hermenêutica/semiologia, semiologia/linguística, semiótico/semântico, semióticos maiores/semióticos menores, até chegar

---

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987; Idem. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.; Idem. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Selo Martins, 2003.; Idem. *A câmara clara*. Trad. Júlio Castañón Guimarães. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.

<sup>15</sup> Idem. *Séminaire (1971-1972)*. Bibliothèque Nationale de France. NAF 28613. *Chemise 1*, p. 2

<sup>16</sup> *Ibidem*.

<sup>17</sup> Idem. Brecht e o discurso: introdução ao estudo da discursividade. In: \_\_\_\_\_. *Escritos sobre o teatro*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

em um estranho tópico que quebra com a lógica anterior: “10 anos”. É o momento de se perguntar: por que parar? Por que fazer um balanço nesse seminário? A resposta é dolorosa:

Todo balanço é uma forma de partir. É possível que este seminário para mim: um certo adeus à Σ [semiologia]: eu a guardarei sempre como cultura, espécie de linguagem amigável, mas um desejo de esclarecer minha atitude em relação à cientificidade (eu quero terminar com o reproche de não-rigor, não sendo mais “rigoroso” (palavra mítica), mas declarando claramente que o rigor não é meu problema, desejo também esclarecer (então, renunciar a) a ambiguidade entre Semiologia (com seu superego cientificista e seu cortejo de semioticistas menores) e Textual, Análise Textual).<sup>18</sup>

Depois de todos esses anos, ele sabe que é o momento de se despedir da semiologia saussuriana. A semiologia não podia se limitar ao estudo da frase, era preciso ir além e encontrar o discurso, a enunciação. Ali, Barthes encontra um problema e ao mesmo tempo uma alegria: a enunciação não pode, para ele, ser objeto de uma metalinguagem, de um “saber”, já que ela força aquele que escreve a se perguntar pela sua própria escrita. Ora, essa era fórmula que ele tanto procurava: pensar a enunciação obriga o texto crítico a se dividir em dois, a ser texto e contra-texto, a ser plural, como a literatura.

Após esse balanço e justificativa, Barthes procede a uma revisão da obra dos principais nomes da sua trajetória semiológica. Depois da pré-história (Brecht), a história: Saussure, Hjelmslev, Jakobson, os formalistas russos, Propp e Benveniste<sup>19</sup>. O argumento do texto sobre Saussure é bem conhecido: para Barthes, há uma analogia entre a linguística saussuriana e o funcionamento da democracia. Saussure se separa da preocupação pela origem (o que justificava a monarquia) e se atém ao contrato social que permite que os signos se combinem. Como nas democracias também, a linguística se baseia também na prática da troca: eu recebo um significante e troco por um significado. Toda esta analogia foi apresentada em Genebra, em um desdobramento do seminário: é a sua forma de prestar homenagem à tradição democrática da cidade. Mas o seu interesse por Saussure não se limita a essa questão democrática/diplomática. Ele se refere também a outros dois pontos: a reflexividade da linguagem e à pluralidade do autor Saussure. A reflexividade se dá, segundo Barthes, quando há um desdobramento do autor dentro de algum campo do conhecimento. O autor propõe um enunciado e ao mesmo tempo reflete sobre o ato de propor um enunciado. É o caso do filme “8 e 1/2”, de Fellini e, segundo ele, também de Saussure, que teria inaugurado essa reflexividade na ciência. Mas o desdobramento de Saussure não se limita à reflexividade: ele também era um autor duplo, uma espécie de Dr. Jekyll e Mr. Hyde. Por um lado, existia o linguista sábio, democrático e, por outro, existia um outro, louco e poeta, que escreveu os *Anagramas*. Como ser as duas as coisas ao mesmo tempo?

Assim, o interesse de Barthes por Saussure reside não só na sua proposta de descrição estrutural da linguagem, mas na sua possibilidade de um discurso dividido em dois, o que Barthes

<sup>18</sup> Idem. Séminaire (1971-1972). Op. cit, p. 36.

<sup>19</sup> Algumas dessas revisões são publicadas nos anos seguintes: é o caso das aulas sobre Saussure, que se transformaram no texto “Saussure, le signe, la démocratie” (publicado originalmente em *Discours social*, em 1972) tendo a versão brasileira o título “Saussure, o signo e a democracia” (In: BARTHES, R. *A aventura semiológica*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2002); e as sobre Benveniste, que foram espremidas no artigo “Por que amo Benveniste” (In: \_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.); Barthes também publicou um texto sobre Jakobson “Un très beau cadeau” (publicado no *Le Monde*, 1971 e recolhido (Cf. In: \_\_\_\_\_. *Le Bruissement de la langue*. Paris: Seuil, 1984, 187-9.), aparentemente anterior às aulas, mas que está relacionado com o seminário.



começa a praticar a partir de *O prazer do texto*. Essa é uma das mudanças da sua escrita produzidas pela sua relação com a semiologia.

Os outros linguistas do seminário também são abordados desde o mesmo ponto de vista: Barthes destaca as suas inovações dentro do saber, mas, sobretudo, ele vê neles modelos de divisão da linguagem. Jakobson, por exemplo, era o linguista rigoroso que nunca deixou sua paixão pela poesia de lado – e que tentou juntar os dois saberes em um; Hjelmslev foi aquele que nunca viu a frase fechada: a sua dupla denotação/conotação serve para abrir a linguagem ao infinito. Já em relação à Propp e os formalistas russos, Barthes deixa transparecer seu incômodo. Por que reduzir tudo a uma estrutura? Para ele, toda essa “algoritmomania” leva os linguistas a deixar de lado a “coloração brilhante, o prazer, a sedução, a proximidade do corpo”<sup>20</sup>.

Não é à toa que Benveniste recebe um lugar destacado (o último) nessa lista. O desdobramento produzido em seus textos tem outro alcance. Benveniste percebe que a linguagem não se limita a uma forma de expressar o mundo: ela constitui o nosso mundo, que não poderia ser concebido fora da linguagem. Isso significa que cada palavra, cada discurso também é capaz de mudar o mundo. Benveniste é tocado por essa magia da linguagem e seus textos só tem o objetivo de fazer o leitor vislumbrar essa mesma magia.

Se o sujeito é feito de linguagem, a unidade não é mais que uma ilusão produzida pela própria linguagem:

Caráter revolucionário dessa análise (científica) – em relação à ideologia idealista do sujeito: não há sujeito fora da língua, mas a língua pluraliza imediatamente o sujeito no momento em que ela parece constituí-lo: o modo é transcendente ao ser (que é imaginário).<sup>21</sup>

Assim, o sujeito é ao mesmo tempo a linguagem que o constitui e o ser imaginário constituído pela linguagem (o “eu”). A grande contribuição de Benveniste para Barthes consiste em assumir que o ser único não existe, é ilusório, e qualquer pensamento sobre a língua é sempre um campo de dispersão do sujeito, porque produz reflexividade:

Consequência (para mim): a língua (a reflexão sobre a língua) é o verdadeiro campo de desestabilização do sujeito: Diatense: admirável do trabalho do sujeito sobre ele mesmo fora das drogas: a língua tem um poder haschichiano (alucinógeno). Para exercer (fazer a demonstração por exercício) que o sujeito é inencontrável, não é talvez necessário recorrer a métodos excessivos (a droga, a psicose): a gramática é suficiente.<sup>22</sup>

Ora, Barthes, em seu recente livro *S/Z* (publicado em francês em 1970)<sup>23</sup> tinha chegado à mesma conclusão em relação à literatura: que ela só é concebível como campo de dispersão do sujeito. Essa é a teoria do texto anunciada no título do seminário, mas que de fato nunca é abordada. Para Barthes o livro não é um objeto, porque, para existir, ele precisa se desdobrar, precisa que um sujeito o leia e, para que o sujeito o leia, esse sujeito deve se desdobrar e não ser mais ele mesmo (por exemplo, ele deve entrar no ponto de vista de uma personagem).

<sup>20</sup> Idem. *Séminaire* (1971-1972). Op. cit.

<sup>21</sup> Ibidem. *Chemise* 10, p. 3.

<sup>22</sup> Ibidem.

<sup>23</sup> Idem. *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

Semiologia e a literatura coincidem na reflexividade e no constante desdobramento do sujeito. O que leva Barthes a uma estranha conclusão: um semiólogo, pela forma em que conduz a sua escrita, é, em certa medida, um escritor e, o escritor, um semiólogo. Por isso, a semiologia segunda de Barthes, que ele praticará a partir desse seminário, pode ser chamada de semiologia literária.

### *Considerações finais: em busca de uma semiologia literária*

As publicações de Barthes após o seminário “10 anos de semiologia” são radicalmente diferentes dos seus textos anteriores: entre o ensaio e a ficção, elas estão muito longe de uma produção acadêmica convencional. Em todas elas, há uma quebra da linearidade, que tem, como consequência, a dispersão do sujeito que enuncia, ou do “tema” em francês. É o caso de *O Prazer do texto*<sup>24</sup>, por exemplo, livro composto de pequenos parágrafos, semelhantes a aforismos, que começa por uma defesa do estudo do prazer e que pouco a pouco deixa o prazer de lado, em detrimento do gozo. Já em *Roland Barthes por Roland Barthes*, a narrativa autobiográfica é feita ora em primeira pessoa, ora em terceira, o que demonstra a reflexividade já presente no título. Os *Fragmentos de um discurso amoroso* demonstra também a sua dispersão no título, que anuncia que o texto a ser lido não é um discurso, são fragmentos (ou seja, vários pequenos discursos dispersos). O autor inclusive anuncia que o livro pode ser lido a partir de qualquer ordem, já que os fragmentos estão distribuídos em ordem alfabética, impedindo – em teoria – qualquer possibilidade de leitura linear. No entanto, o livro guarda uma espécie de minotauro no seu labirinto: uma leitura atenta da edição original permite perceber um argumento ao longo da leitura, mas que contradiz aquilo que é afirmado em cada fragmento. Dessa forma, mesmo a dispersão é dispersada.

A partir da leitura das anotações de Barthes, podemos afirmar que as experimentações desses livros foram desenvolvidas a partir das noções exploradas em seu seminário “10 anos de semiologia”: a reflexividade, a dispersão, o sujeito imaginário, a constituição do mundo pela linguagem, a impossibilidade da metalinguagem. Porém, esses livros não são considerados por Barthes como proposta “semiológica”. Somente em 1978, com a publicação da aula inaugural no Collège de France, vemos ressurgir a palavra “semiologia”, para se referir ao programa dos próximos anos. Porém, não se trata da semiologia saussuriana, mas dessa última semiologia descoberta no Seminário de 1971. Nesse momento, Barthes a chama “semiologia literária”, lembrando as palavras finais do seminário, onde ele relaciona a atividade semiológica àquela do escritor.

Segundo Barthes, essa semiologia literária consiste não em analisar algum tema, mas, em dispersar um tema, o que ele chama “trapacear” com a língua:

nós, que não somos nem cavaleiros da fé nem super-homens, só resta, por assim dizer, trapacear com a língua, trapacear a língua. Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: literatura.<sup>25</sup>

Mas ele a chamava também: semiologia. Como essa experimentação com a linguagem pode ser também semiologia, “o estudo dos signos na vida social”? Pelo que conseguimos observar no último seminário: esse estudo só tinha sentido para escrever literatura. Pelos estudos dos signos

<sup>24</sup> Idem. Op. cit.

<sup>25</sup> Idem. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 15. Grifos meus.

na vida social de Brecht, Saussure, Jakobson e, sobretudo, Benveniste, Barthes entende que o próprio sentido da semiologia é se debruçar sobre aquilo que nos constitui (a língua) e, portanto, se desdobrar. Mas como não podemos deixar de ser constituídos pela linguagem, não é possível olhar para ela de fora, não é possível fazer da semiologia um estudo, uma metalinguagem. É a literatura que permite sair desse impasse metodológico:

A força da literatura, sua força propriamente semiótica, consiste em jogar com os signos em vez de destruí-los, em colocá-los numa maquinaria de linguagem cujos breques e travas de segurança arrebentaram, em suma, em instituir no próprio seio da linguagem servil uma verdadeira heteronímia das coisas.<sup>26</sup>

A apresentação dessa nova semiologia permitiu a Barthes escrever a sua grande obra dessa nova semiologia, a *Câmara clara*. Ali, o “jogar com os signos” pode ter muitas aplicações, desde uma constante utilização metafórica dos signos, que permitirá sentir o “sal das palavras”, como afirma Barthes, ou o estabelecimento de uma heteronímia dos argumentos, como visto nos *Fragmentos de um discurso amoroso*. Mas se nos *Fragmentos* essa tática estava de certa forma “escondida”, em *A câmara clara*, ela está explícita: a segunda parte do livro contradiz explicitamente a primeira. É interessante observar, de qualquer forma, que quando a crítica se refere a esse livro, em geral cita a primeira parte, ignorando que os conceitos propostos por Barthes são refutados por ele mesmo no final. Porém, eles não são invalidados: a própria ideia dessa escrita experimental proposta como semiologia é tomar distância, observar a linguagem nos constituindo, a partir da heteronímia das coisas.

### Referências bibliográficas

- BARTHES, R. A atividade estruturalista. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- \_\_\_\_\_. *A câmara clara*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Nova Fronteira, 2015.
- \_\_\_\_\_. Apresentação [Sobre a semiologia]. *Inéditos*. Vol. 1 Teoria. Trad.: Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 56-57.
- \_\_\_\_\_. *Aula*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- \_\_\_\_\_. Brecht e o discurso: introdução ao estudo da discursividade. *Escritos sobre o teatro*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Elementos de semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- \_\_\_\_\_. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Selo Martins, 2003.
- \_\_\_\_\_. O estilo e sua imagem. In: \_\_\_\_\_. *O Rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Oeuvres Complètes* Vol. IV. Paris: Seuil, 2002.
- \_\_\_\_\_. Por que amo Benveniste. In: \_\_\_\_\_. *O Rumor da Língua*. Tradução de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Roland Barthes por Roland Barthes*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- \_\_\_\_\_. Saussure, o signo e a democracia. In: \_\_\_\_\_. *A aventura semiológica*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 26-27. Grifos meus.

- \_\_\_\_\_. Semântica do objeto. In: \_\_\_\_\_. *A aventura semiológica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- \_\_\_\_\_. Séminaire (1962-1963). Bibliothèque Nationale de France. NAF 28613.
- \_\_\_\_\_. Séminaire (1963-1964). Bibliothèque Nationale de France. NAF 28613.
- \_\_\_\_\_. Séminaire (1971-1972). Bibliothèque Nationale de France. NAF 28613.
- \_\_\_\_\_. Séminaire. Bibliothèque Nationale de France. NAF 28613.
- \_\_\_\_\_. *S/Z*. Trad. Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- \_\_\_\_\_. Un très beau cadeau. In: \_\_\_\_\_. *Le Bruissement de la langue*. Paris: Seuil, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. *Homo Academicus*. Paris: Minuit, 1984.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. *Roland Barthes*. Paris: Seuil, 2015.

Recebido em: 14 de dezembro de 2017

Aceito em: 7 de março de 2018